

**FELICIDADE COMO OBJETO PARADOXAL:
LUGAR DE DOMINAÇÃO E RESISTÊNCIA**

**HAPPINESS AS A PARADOXICAL OBJECT:
A PLACE OF DOMINATION AND RESISTANCE**

Helton Menezio Urtado Rocha¹

Data de recebimento do texto: 12/08/2025

Data de aceite: 03/09/2025

Resumo: No presente trabalho, analisamos os sentidos estabelecidos na relação entre a palavra *felicidade* e a expressão *psicologia ambiental*. Para isso, estabelecemos um diálogo teórico-metodológico entre a Semântica do Acontecimento, de Guimarães (2018, 2005 [2002], entre outros), e a Análise de Discurso materialista, desenvolvida na França por Pêcheux e seu grupo, e desenvolvida no Brasil a partir dos trabalhos de Orlandi (2010 [1999], 2007 [1992], entre outros). Definimos felicidade como um objeto paradoxal, isto é, um lugar de dominação e resistência dos sujeitos dos discursos, e, como tal, relacionada a outros objetos paradoxais. Assim, a felicidade é determinada pela existência histórica do indivíduo, interpelado em sujeito pela ideologia, que encontra nos aparelhos ideológicos de Estado o seu funcionamento e a sua reprodução. Por fim, analisamos um caso de reprodução e outro de resistência aos discursos dominantes que tocam no real da felicidade pelo silêncio constitutivo.

Palavras-Chave: Psicologia Ambiental. Objeto paradoxal. Enunciação. Discurso.

Abstract: In the present work we analyze the meanings established in the relationship between the word *happiness* and the expression *environmental psychology*. To this purpose, we established a theoretical-methodological dialogue between Event Semantics, by Guimarães (2018, 2005 [2002], among others), and materialist Discourse Analysis, developed in France by Pêcheux and his group, and developed in Brazil based on the work of Orlandi (2010 [1999], 2007 [1992], among others). We define happiness as a paradoxical object, that is, a place of domination and resistance of the subjects of discourse, and, as such, related to other paradoxical objects. Thus, happiness is determined by the historical existence of the individual, challenged as a subject by ideology, which finds its functioning and reproduction in the ideological apparatuses of the State. Finally, we analyze a case of reproduction and another of resistance to dominant discourses that touch on the real of happiness through constitutive silence.

Keywords: Environmental Psychology. Paradoxical object. Enunciation. Discourse.

¹ Doutor em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, Brasil. E-mail: helton.menezio@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6995-6479>.

Introdução

Neste artigo, analisaremos a felicidade como um objeto paradoxal (PÊCHEUX, 2012 [2011]), mostrando a sua relação com outros objetos paradoxais.

Partiremos dos sentidos de *felicidade* e *meio ambiente* na Psicologia Ambiental, que, grosso modo, se detém na “inter-relação entre a pessoa e o meio ambiente natural e urbano” (KARAM, 2021, p. 12). Mais precisamente, a Psicologia Ambiental investiga as sensações despertadas pelos ambientes a partir de cores, disposição de mobiliário, plantas e flores naturais, decoração e objetos de referência — e, ainda, entrada de luz natural e iluminação artificial. Nas análises, veremos que é importante para o efeito de sentido de felicidade o efeito de evidência de moradia, trabalho e heterossexualidade.

Depois de analisarmos, em uma propaganda, o discurso dominante da felicidade enquanto sucesso individual causado pelo modo de produção capitalista, analisaremos sentidos que visam interromper a circulação desse discurso. Veremos, numa imagem de uma manifestação do Movimento dos(as) Trabalhadores(as) Sem-Teto (doravante MTST), que a felicidade significa pela sua ausência, isto é, pelo seu silêncio constitutivo (ORLANDI, 2007 [1992]), materializado no enunciado “MENOS ÓDIO MAIS MORADIA”, na cor vermelha do cartaz do MTST e na bandeira da Palestina, enquanto materialidades significantes que comparecem na manifestação.

Antes, apresentemos sucintamente os nossos fundamentos teórico-metodológicos que embasarão as análises.

Político, objeto paradoxal e materialidade significativa

As análises a seguir possuem como questão a ser compreendida o litígio político da tensão polissêmica da palavra *felicidade*, que não se encontra na transparência da linguagem, mas na sua materialidade discursiva. Para a consecução desse objetivo, propomos com Elias de Oliveira (2014) a articulação de dois conceitos de político, um desenvolvido pela Análise de Discurso materialista, outro desenvolvido pela Semântica do Acontecimento.

Na Análise de Discurso materialista, o político “diz respeito às divisões interdiscursivas, isto é, àquelas que concernem às relações entre o dizer e sua constituição ideológica, pela inscrição na memória interdiscursiva” (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014, p.

41). Já na Semântica do Acontecimento, o político “diz respeito às divisões enunciativas na configuração do dizer, isto é, àquelas concernentes às representações dos sujeitos e aos gestos de afirmação de pertencimento desses sujeitos em relação a um objeto de dizer” (*Ibid.*, pp. 41-42). Em outras palavras, vamos observar a “relação entre o nível enunciativo (na terminologia da AD, o da formulação) e o interdiscurso (na terminologia da AD, o da constituição) do dizer” (*Ibid.*, p. 45).

O objeto paradoxal é uma noção desenvolvida na Análise de Discurso materialista. De acordo com Pêcheux (2012 [2011], pp. 115-116), os objetos paradoxais “funcionam em relações de força móveis, em mudanças confusas, que levam a concordâncias e oposições extremamente instáveis”. Tomados dessa forma, os objetos paradoxais, além de configurarem um local de dominação, onde esta se reproduz pela subordinação/assujeitamento aos discursos dominantes, se configuram como um “local de resistência múltipla” (*Ibid.*, p. 115; grifo do autor). Isto é, como “Um local no qual surge o imprevisível contínuo, porque cada ritual ideológico continuamente se depara com rejeições e atos falhos de todos os tipos, que interrompem a perpetuação das reproduções [ideológicas]” (*Ibid.*, p. 115). Isto se dá porque, como bem diz Pêcheux (2009 [1988], p. 281), “não há dominação sem resistência”.

No que diz respeito à noção de materialidade significativa, ela é tomada de Lagazzi (2012), que a compreende como uma “cadeia estruturante falha, cuja materialidade específica (verbal, visual, sonora, gestual...) fica exposta à produção de significações” (LAGAZZI, *op. cit.*, p. 1).

Semântica do Acontecimento

Para a Semântica do Acontecimento, a linguagem significa na enunciação, ou seja, no acontecimento do dizer (GUIMARÃES, 2005 [2002]). Enquanto acontecimento do dizer, a enunciação se caracteriza pelo político, que fundamenta “as relações sociais, no que tem importância central a linguagem” (*Ibid.*, p. 16). Na Semântica do Acontecimento, o político é o conflito, que divide desigualmente o real, instalando-se no centro do dizer; sobretudo, é a “afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos” (*Ibid.*, p. 16). A partir dessa caracterização do político, a Semântica do Acontecimento mobiliza as noções de espaço de enunciação, falante, temporalidade do acontecimento, cena enunciativa e designação.

Por espaço de enunciação entendemos o espaço caracterizado pelo político em que se relacionam línguas e falantes. No espaço de enunciação, as línguas “se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante” (GUIMARÃES, 2005 [2002], p. 18). O falante não é a pessoa empírica: ele é uma “categoria lingüística e enunciativa” (*Ibid.*, p. 18), sendo determinada pela língua que fala. Trata-se de um falante constituído por uma “deontologia que organiza e distribui papéis, e do conflito, indissociado desta deontologia, que redivide o sensível, os papéis sociais” (*Ibid.*, p. 18-19).

Ao enunciar, o falante “é tomado na temporalidade do acontecimento” (GUIMARÃES, 2005 [2002], p. 12). O presente abre “uma latência de futuro (uma futuridade)” (*Ibid.*, p. 12). Sem essa projeção não há acontecimento de linguagem, uma vez que o interpretável é excluído. Nesse sentido, “todo acontecimento de linguagem significa porque projeta em si mesmo um futuro” (*Ibid.*, p. 12). O presente e o futuro do acontecimento funcionam em relação a um passado de dizeres (memorável) recortado no acontecimento.

As cenas enunciativas são os “modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação [Locutor, alocutor-x e enunciador] e as formas lingüísticas” (GUIMARÃES, 2005 [2002], p. 23). As cenas enunciativas projetam as divisões do sujeito no dizer. Aquele que enuncia e aquele para quem se enuncia “não são pessoas mas uma configuração do agenciamento enunciativo” (*Ibid.*, p. 23). Desse modo, a enunciação é uma “prática política e não individual ou subjetiva”, pois falar “é assumir a palavra neste espaço dividido de línguas e falantes” (*Ibid.*, p. 22), chamado espaço de enunciação.

A designação é a significação “enquanto uma relação lingüística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, ou seja enquanto uma relação tomada na história” (GUIMARÃES, 2005 [2002], p. 9).

Enunciado, texto, recorte

A unidade de análise é o enunciado, um “elemento lingüístico próprio do acontecimento do funcionamento da língua quando um locutor diz algo” (GUIMARÃES, 2006, p. 122). O enunciado se caracteriza por sua “consistência interna e independência relativa com relação às sequências lingüísticas de que faz parte” (*Ibid.*, p. 122). Por sua

vez, o texto é uma unidade complexa de significação que integra enunciados no acontecimento enunciativo (GUIMARÃES, 2011). O texto não possui uma unicidade de sentido: ele produz sentido, sendo este o responsável por fazer da unidade um texto (GUIMARÃES, 2011). Assim, o sentido de um texto não se constitui pela soma de suas partes: ele se dá “pelo modo de relação de uma expressão com outras expressões do texto” (GUIMARÃES, 2005 [2002], p. 28). Enfatizemos: tais expressões estão em enunciados. Neste ponto, a noção de relação integrativa é central na maneira como tomamos o texto, pois ela diz respeito ao funcionamento de um elemento da língua num enunciado, enquanto enunciado que faz parte de um texto, remetido a um discurso.

Por recorte entendemos um “fragmento do acontecimento da enunciação” (GUIMARÃES, 2011, p. 44). Esse fragmento não é simplesmente uma sequência. Ele se caracteriza pelas “formas linguísticas que aparecem correlacionadas em virtude de terem uma mesma relação com o acontecimento” (*Ibid.*, p. 44). Um outro aspecto importante à noção de recorte diz respeito à sua posição na sequência. A correlação das formas linguísticas com o acontecimento é fundamental para a constituição do enunciado, mas não a sua posição na sequência.

Determinação, articulação e reescrituração

Segundo Guimarães (2007, p. 79), a determinação é a “relação fundamental para o sentido das expressões linguísticas”. Ela se constitui na medida em que uma expressão determina outra no acontecimento enunciativo. Já a articulação é entendida como “uma relação de contiguidade significada pela enunciação” (GUIMARÃES, 2009, p. 51), podendo se dar por dependência, coordenação e incidência. Por reescrituração devemos entender o “procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente de si” (GUIMARÃES, 2007, p. 84). A reescrituração ocorre por repetição, substituição, elipse, expansão, condensação, definição e aposição (GUIMARÃES, 2007, 2009, 2011a). Esses procedimentos se constituem como “procedimentos de deriva do sentido próprios da textualidade” (GUIMARÃES, 2005 [2002], p. 27). No acontecimento, eles podem produzir o sentido de uma sinonímia, especificação, desenvolvimento, generalização, totalização e enumeração (GUIMARÃES, 2007, 2009).

Condições de produção

Para a Análise de Discurso materialista, as condições de produção são “as ‘circunstâncias’ de um discurso [...] e seu processo de produção” (PÊCHEUX, 2010 [1990], p. 73). No sentido *stricto*, recorreremos à Semântica do Acontecimento; no sentido *lato*, recorreremos à Análise de Discurso materialista. Em ambos, o conflito político é considerado como base. No primeiro, o dizer se formula mediante o agenciamento do falante em cenas enunciativas como configurações locais de um espaço de enunciação. No segundo, o “dizer se inscreve em posições-sujeito interdiscursivas” (ELIS DE OLIVEIRA, 2014, p. 45).

Discurso, interdiscurso, formação discursiva e formação ideológica

O discurso é efeito de sentido entre locutores (PÊCHEUX, 2010 [1990]) e será analisado na relação constitutiva com o interdiscurso. Este é a memória discursiva que “reside no fato de que ‘algo fala’ (*ça parle*) sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 149; grifos do autor). Dito de outro modo, o interdiscurso é o todo complexo com dominante das formações discursivas. Por sua vez, a formação discursiva é “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o *que pode e deve ser dito*” (*Ibid.*, p. 147; grifos do autor).

Agora, passemos aos nossos gestos de compreensão dos materiais de análise.

Felicidade e psicologia ambiental

Para entender as relações de sentido entre a palavra *felicidade* e a expressão *psicologia ambiental*, escolhemos uma obra, intitulada *Psicologia Ambiental: a felicidade percebida no entorno*, de T. Karam (2021). Abaixo, analisamos o título, o subtítulo e as ilustrações da capa e da contracapa:

Imagem 1 — Recorte 1



Legenda: capa de *Psicologia Ambiental: a felicidade percebida no entorno*, de T. Karam (op. cit.)

No Recorte 1, trazido pela Imagem 1, *psicologia ambiental* seria sinônimo de *psicologia da natureza* e de *psicologia do meio ambiente*? Dito de outra maneira, a partir da perspectiva da Análise de Discurso materialista, o funcionamento de *psicologia ambiental* está na base de quais processos discursivos? E esses processos discursivos, por sua vez, se inscrevem em qual relação ideológica de classes?

Para responder a essas duas perguntas, vejamos, no subtítulo do livro, o enunciado *a felicidade percebida no entorno*, que reescritura por expansão *psicologia ambiental*, produzindo o sentido de desenvolvimento, próprio aos subtítulos em geral. Ao mesmo tempo, podemos dizer que *a felicidade percebida no entorno* predica *psicologia ambiental* e, nessa predicação, *no entorno* é sinônimo de *ambiental*.

Neste ponto, perguntamos: e a expressão *no entorno*? Que sentido(s) ela possui?

Olhemos para a sintaxe do subtítulo. *Felicidade* funciona como objeto da ação verbal (BECHARA, 2009), expressa por *percebida*, no particípio. Temos aqui a omissão do verbo *ser* no presente do indicativo da 3ª pessoa do singular: *a felicidade é percebida no entorno*. Note-se ainda que *no entorno* cumpre na oração a função de adjunto adverbial de lugar. Finalmente, a omissão do agente da passiva em *a felicidade [é] percebida [por X]*

no entorno produz o efeito de sentido de indeterminação de quem “percebe” a felicidade ao redor de si. Os efeitos de sentido são: (i) a felicidade encontra-se fora da pessoa; (ii) qualquer um pode ser feliz, pois, a rigor, qualquer nome próprio, substituído por *você*, pode ocupar a posição de agente da passiva no subtítulo.

Isto contribui para o efeito ideológico elementar de que o sujeito — o indivíduo interpelado pela ideologia, conforme Althusser (2023 [1983]) — está no “comando de si”. Assim, a felicidade apresenta-se como um dado subjetivo passível de ser alcançado pela “vontade” do indivíduo. A formação econômica e social na qual se insere o sujeito do discurso dilui-se no subtítulo do livro. Resumindo: a língua funciona pelo efeito de sentido de transparência, sua materialidade histórica é apagada.

Avançando, atentemos para a ilustração no Recorte 1, onde vemos o desenho de uma casa com chaminé, de um coração, de plantas e de nuvens. Considerando essas materialidades significantes (LAGAZZI, 2012), a expressão *no entorno* é sinônima de *casa*, que, dada a formação discursiva (PÊCHEUX, 2009 [1988]) do modo de produção capitalista, inscrita pelo sujeito do discurso, significa uma propriedade privada. Esse efeito de sentido nos faz pensar sobre o sentido de *ambiental*.

Recorrendo à relação de sinonímia contextual (PÊCHEUX, 2010 [1990]), *psicologia ambiental* não é substituível por *psicologia do meio ambiente* ou por *psicologia da natureza*, mas por *psicologia do ambiente laboral e residencial*.

A título de ilustração, tomemos o Recorte 2, da contracapa:

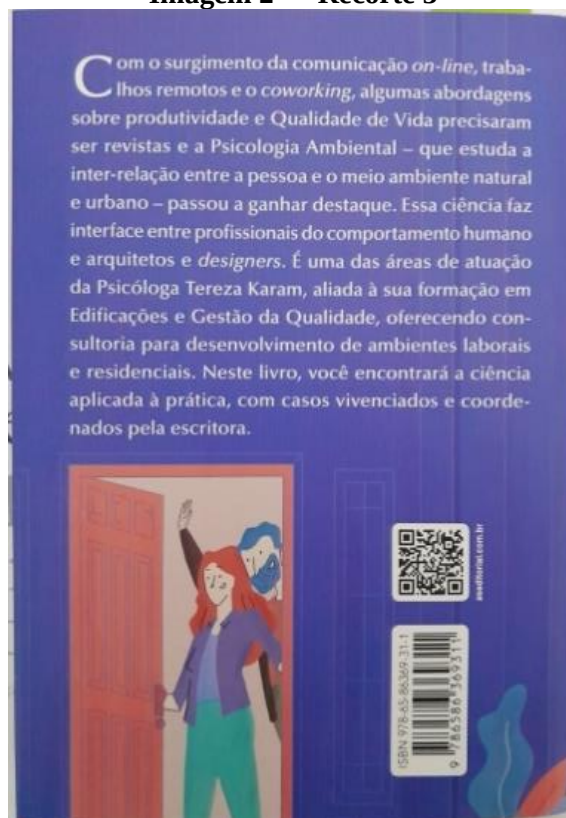
Recorte 2

[A Psicologia Ambiental] É uma das áreas de atuação da Psicóloga Tereza Karam, aliada à sua formação em Edificações e Gestão da Qualidade, oferecendo consultoria para desenvolvimento de *ambientes laborais e residenciais*. (KARAM, *op. cit.*, grifos nossos)

Nesse recorte, a expressão *laborais e residenciais* articula-se por dependência a *ambientes*. Por sua vez, *ambientes laborais e residenciais* determina *psicologia ambiental*, que significa a partir da formação discursiva baseada no modo de produção capitalista. *Laborais* refere-se a um aparelho ideológico de Estado (ALTHUSSER, 2023 [1983]), a saber: a empresa privada.

Dando continuidade, analisemos a ilustração da contracapa:

Imagem 2 — Recorte 3



Legenda: contracapa de *Psicologia Ambiental: a felicidade percebida no entorno*, de T. Karam (op. cit.)

No Recorte 3, trazido pela Imagem 2, vemos o desenho de uma pessoa identificada com o gênero feminino e o de outra pessoa identificada com o gênero masculino. Com a mão direita, a mulher segura a maçaneta de uma porta aberta; o homem, atrás, acena com o braço direito; e ambos estão sorrindo. Os efeitos de sentido são, pois, os de um casal/de uma relação heterossexual e de cumprimento/despida.

Disto resulta uma conclusão parcial à nossa leitura discursiva da felicidade enquanto objeto paradoxal: no Recorte 3, o discurso da felicidade se relaciona ao discurso da propriedade privada e ao da heterossexualidade. A formação discursiva capitalista, pela transparência do sentido de felicidade constituído nela, dissimula “*sua dependência com respeito ao ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas [...]*” (PÊCHEUX, 2009 [1988], pp.148-149; grifos do autor). Em outras palavras, o efeito de sentido de felicidade se constitui, no interdiscurso, a partir da formação discursiva capitalista, responsável pelo discurso da

propriedade privada, materializado na expressão *[ambientes] residenciais* e no desenho da casa (Recorte 1), e no da porta aberta (Recorte 3). No que diz respeito ao segundo desenho, o da porta aberta, ele funciona como metonímia de casa (toma-se a parte pelo todo). Por sua vez, a formação discursiva capitalista é responsável também pelo discurso do trabalho, materializado na expressão *ambientes laborais*, no Recorte 2. Finalmente, a formação discursiva capitalista estabelece uma relação de aliança com a formação discursiva da heterossexualidade, cujo discurso é materializado no desenho do casal, no Recorte 3. E este processo discursivo está na base de outro material de análise que encontramos a respeito da felicidade:

Imagem 3 — Recorte 4



Legenda: propaganda de condomínio de luxo²

No Recorte 4, trazido pela Imagem 3, vemos, em primeiro plano, a imagem de uma pessoa identificada com o gênero masculino. Essa materialidade significativa produz o efeito de sentido de pai/marido branco de meia idade, devido ao tom grisalho de seus cabelos. Ao seu lado, vemos a imagem de duas pessoas identificadas com o gênero

² Disponível em: <https://mir-s3-cdn-cf.behance.net/project_modules/1400/bf462636602699.5722150563ab2.jpg>. Acesso em: 11 nov. 2024.

feminino. A primeira produz o efeito de sentido de mãe/mulher branca com cabelos loiros; a segunda, o de filha/criança branca com cabelos castanhos claros. Ao fundo, em segundo plano, vemos uma praia, o mar e o sol a se pôr no horizonte, à esquerda. Em cada canto há um edifício com sacada, e, entre eles, há uma piscina. Pela posição das três pessoas sorrindo, elas representam uma família tradicional no discurso. O efeito de sentido é o de *selfie* tirada na sacada do novo apartamento, cuja vista da sacada dá de frente para a praia/o mar. Como efeito de evidência, temos o poder aquisitivo elevado de uma classe social privilegiada. Isto se materializa, por exemplo, no enunciado *E antes de se mudar você/já dizia que a vida era boa*. Aqui, a forma linguística *você*, em sua transparência, pode significar qualquer um. Mas, em sua opacidade, isto é, em sua materialidade discursiva, significa *homem branco/mulher branca de meia idade, pertencente a uma classe social elevada, estabilizado(a) profissional e financeiramente, casado(a), pai/mãe de família tradicional*.

Felicidade como sucesso individual e como produtividade

Seja o próximo recorte, retirado igualmente da obra de T. Karam (*op. cit.*):

Recorte 5

Depois de uma boa conversa compartilhando sucessos [...], a noite começa a cair e luzes serão acesas, para permanecermos produzindo um pouco mais. Um momento introspectivo combina bem com uma poltrona e uma luminária, fazendo as páginas do livro saltar aos olhos.

[...] Não importam a idade ou o jeito que nos levamos a “passear” pela vida, a busca pela felicidade é sempre desejada. (KARAM, *op. cit.*, pp. 8-9)

Na cena enunciativa desse recorte, o Locutor é autorizado a dizer como alocutor-psicólogo e este mobiliza um enunciador coletivo, como atesta *permanecermos* e *nos levamos*. No discurso, a imagem que o sujeito faz de si e do outro é a de quem faz parte de uma classe social produtiva (cf. a expressão *produzindo um pouco mais*, em que *um pouco mais* produz como subentendido a produtividade). Vamos aqui denominar essa classe social de classe média, uma vez que no Recorte 5 dois efeitos de evidência relacionados a ela se destacam: (i) o efeito de evidência da propriedade privada, se considerarmos que *luzes*, *poltrona* e *luminária* são metonímias de *casa*; (ii) o efeito de evidência do hábito de leitura na expressão *as páginas do livro*. No que se refere ao enunciado *para permanecermos produzindo um pouco mais*, ele materializa o discurso da produtividade

em relação de sustentação com o discurso da psicologia ambiental. Ser feliz é, nessas condições de produção, ter uma vida de sucesso (cf. *Depois de uma boa conversa partilhando sucessos*), que, por sua vez, é sinônimo de ter uma vida produtiva. A imagem que o sujeito do discurso faz de si e do outro é a de quem acumula sucessos. Portanto, *felicidade*, *sucesso* e *produtividade* são intercambiáveis entre si. Os espaços sociais do trabalho e do descanso estão diluídos no Recorte 5, de modo que o sujeito do discurso sofre um processo de submissão/assujeitamento a partir de sua identificação com o discurso da felicidade que o interpela a produzir até mesmo em casa, em nome da felicidade.

Perpetuação da reprodução ideológica

Sendo um objeto paradoxal, a felicidade se constitui como um lugar onde se dá a dominação dos sujeitos, quando estes se identificam com os discursos dominantes. Pensando nisso, mostraremos nesta seção outro exemplo de perpetuação da reprodução ideológica envolvendo o discurso da felicidade em outro material de análise, cujos sentidos se relacionam ao que vimos acima.

Imagem 4 — Recorte (6)



Legenda: propaganda da Coca-Cola³

³ Disponível: <<https://cartacampinas.com.br/2015/09/pessoas-estao-tao-acostumadas-com-propagandas-enganosas-que-nao-se-sentem-enganadas/>>. Acesso em: 10 nov. 2024.

No Recorte (6), trazido pela Imagem 4, o enunciado *open happiness* (em tradução livre, *abra a felicidade*) é atribuído a um Locutor autorizado a dizer como alocutor-empresa de refrigerante. Este alocutor mobiliza o enunciador individual, que representa, no discurso, uma marca mundialmente famosa. Numa relação de locução, estabelecida pelo verbo *to open* (portanto, estabelecida no espaço de enunciação em que funciona a língua inglesa) no modo imperativo, o Locutário é agenciado em alocutário-consumidor. Vejamos a relação de sinonímia contextual:

(6.1) *Open happiness* (x).

(6.2) *Open Coca-Cola* (y).

Em (6.2), *happiness* é reescriturada por definição especificadora por *Coca-Cola*, que, metonimicamente (toma-se o produto pela marca), significa a garrafa de refrigerante na mão do homem esquiando. De acordo com Pêcheux (2010 [1990], p. 96), “esse ‘deslizamento de sentido’ entre x e y é constitutivo do ‘sentido’ designado por x e y”. Assim, no Recorte (6), *felicidade* designa *Coca-Cola*.

Avançando, no canto direito do Recorte (6), *Magic Moments* determina *open happiness*, o que permite dizer:

(6.3) *Open happiness in magic moments*. [Em tradução livre: *Abra a felicidade em momentos mágicos*]

Considerando o efeito metafórico, temos:

(6.4) *Open Coca-Cola in magic moments*. [Em tradução livre: *Abra uma Coca-Cola em momentos mágicos*]

Acima, (*in*) *magic moments* não funciona apenas como adjunto adverbial de tempo: funciona enunciativamente como dêixis, ou seja, seu sentido se constitui a partir das imagens de um homem branco bebendo Coca-Cola com roupas de esqui e da montanha ao fundo, iluminada pelo sol. Levando em conta essas materialidades significantes, temos o efeito de sentido de felicidade. As condições de produção são apagadas: o poder aquisitivo de uma classe social privilegiada, constituída por homens brancos que dispõem

de tempo livre para esquiara em lugares inacessíveis a grupos subalternizados, compostos em sua maioria por pretos e pardos, só é apreendido na materialidade discursiva do Recorte (6), em cujo interdiscurso tem-se a posição-sujeito do modo de produção capitalista: a felicidade é uma mercadoria à venda. Tomando a mercadoria à venda como metonímia do modo de produção capitalista, a felicidade (causa) é vista como sinônimo do capitalismo (efeito). Melhor dizendo: a promessa do capitalismo é a felicidade. Nas palavras de W. Benjamim (2013), o capitalismo, ao prometer a felicidade, “está essencialmente a serviço da resolução das mesmas preocupações, aflições e inquietações a que outrora as assim chamadas religiões quiseram oferecer resposta” (*Ibid.*, p. 21). Porém, há uma diferença, segundo o autor, entre as religiões e o capitalismo, pois o “capitalismo é uma religião puramente de culto, desprovida de dogma” (*Ibid.*, p. 23).

Interrupção da perpetuação da reprodução ideológica

Como objeto paradoxal, a felicidade é também um lugar de resistência, mesmo quando não dita. Isto posto, analisaremos nesta seção a interrupção da perpetuação da reprodução de discursos dominantes sobre a felicidade. Ao tomarmos uma imagem de manifestação do MTST, veremos os efeitos de sentido de felicidade interditados no enunciado “MENOS ÓDIO MAIS MORADIA”.

Imagem 5 — Recorte (7)



Legenda: manifestação do MTST, São Paulo, 8 de julho de 2021⁴

⁴ Disponível em: <<https://www.monitorooriente.com/20210709-mtst-vai-as-ruas-por-moradia-popular-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 11 nov. 2024.

Na cena enunciativa de “MENOS ÓDIO MAIS MORADIA”, o Locutor é autorizado a falar como alocutor-manifestante do MTST e este mobiliza um enunciador coletivo. A imagem que o sujeito do discurso faz de si é a de quem luta contra o ódio de classes e a falta de moradia. Em sua materialidade significativa, a cor vermelha, não só na faixa que traz o enunciado sob análise, mas também nas bandeiras do MTST e nas camisetas que alguns manifestantes vestem, produz o efeito de sentido de luta. Dada a palavra *ódio*, a imagem do outro é a de quem é agressivo, violento, intolerante. Finalmente, a imagem do objeto de dizer é a de que a luta contra o ódio ao MTST e a luta pela moradia são legítimas. *Moradia* não designa aqui uma propriedade privada: *moradia* designa uma reivindicação social.

O Recorte (7) traz também a imagem da bandeira da Palestina. Pensando o acontecimento como o “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 2008 [1988]), as diferentes materialidades significantes do Recorte (7) produzem como efeitos de sentido o direito à existência do povo palestino; o direito dos palestinos à paz, em oposição ao ódio; o direito dos palestinos a um país soberano, independente, livre, sem guerra.

Portanto, os sentidos de *felicidade* comparecem no Recorte (7) por meio da noção de silêncio constitutivo (ORLANDI, 2007 [1992]). Se olharmos para o funcionamento da palavra *ódio*, em relação com a imagem da bandeira da Palestina, podemos afirmar que a condição da felicidade é o direito à paz e a soberania do povo palestino. Se olharmos para o funcionamento da palavra *moradia*, em relação com a sigla *MTST*, a condição da felicidade é o fim do ódio ao MTST e o direito à moradia. A felicidade não é uma mercadoria à venda, mas a existência digna pela qual se luta.

Considerações finais

Iniciamos as análises deste trabalho mostrando a relação entre a palavra *felicidade* e a expressão *psicologia ambiental* em uma obra específica. Vimos que *psicologia ambiental* é sinônimo de *psicologia dos ambientes laborais e residenciais*, e que *psicologia do meio ambiente* e *psicologia da natureza* não comparecem como sinônimos de *psicologia ambiental*, pois o funcionamento dessa expressão está na base do processo discursivo em que o modo de produção capitalista é a formação discursiva dominante. Para

essa formação discursiva, ser feliz é ter uma vida de sucesso, que, por sua vez, é ter uma vida produtiva no ambiente laboral e residencial. Assim, para ser feliz, o sujeito do discurso deve se subordinar/assujeitar a esse modo de vida/produção capitalista, que vê a felicidade metonimicamente como seu efeito.

A felicidade, enquanto efeito de sentido, é determinada pela existência histórica do indivíduo, interpelado em sujeito pela ideologia, que encontra nos aparelhos ideológicos de Estado o seu funcionamento e a sua reprodução. Em nossas análises, identificamos dois aparelhos ideológicos de Estado: a empresa privada, que objetiva acumular capital, e a família tradicional, fundada na heterossexualidade. No que diz respeito ao sujeito, este, pelo efeito ideológico elementar (o sujeito é tomado como causa de si e está imerso na transparência da linguagem), considera a felicidade como um dado subjetivo passível de ser alcançado por uma ilusória autodeterminação. Isto ocorre porque o efeito ideológico elementar é o de justamente apagar, no sujeito, os traços ideológicos que o constituem. Mais precisamente, a felicidade é um objeto paradoxal em relação com outros objetos paradoxais, como trabalho, moradia, sexualidade. Enquanto tal, ela requer que investiguemos os processos de submissão/assujeitamento e de resistência estabelecidos no/pelo discurso.

Para encerrar, lembramos que o discurso se materializa na língua — este campo de forças onde os processos discursivos se constituem “por meio dos ‘jogos de linguagem’, do trilhar metafórico dos sentidos e dos paradoxos de enunciação, que as discursividades trabalham *na* e *contra* os ‘corpos’ de regras de cada língua” (PÊCHEUX, 2012 [2011], p. 119; grifos do autor). Foi o que procuramos mostrar brevemente neste trabalho sobre a felicidade enquanto objeto paradoxal.

Referências

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023 [1983].

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENJAMIN, W. **O capitalismo como religião**. São Paulo: Boitempo, 2013.

ELIAS DE OLIVEIRA, S. Sobre o funcionamento do político na linguagem. *Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, SP, n° 34, jul./dez., p. 41-53, 2014.

Disponível em: <<http://www.revistalinguas.com/edicao34/artigo2.pdf>>. Acesso em: 4 dez. 2024.

GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005 [2002].

_____. **Semântica**: enunciação e sentido. Campinas, SP: Pontes, 2018.

KARAM, T. **Psicologia Ambiental**: a felicidade percebida no entorno. Curitiba, PR. Ás Editorial, 2021.

LAGAZZI, S. A equivocidade na imbricação de diferentes materialidades significantes. *In: Encontro Nacional da Anpoll*, 23, 2008, Goiânia, GO. Resumo expandido, 2012, p. 1-3. Disponível em: <<https://dlm.fflch.usp.br/sites/dlm.fflch.usp.br/files/Suzy%20Lagazzi.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2024.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007 [1992].

_____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 9. ed. Campinas, SP: Pontes, 2010 [1999].

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). *In: GADET, F.; HAK, T. Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010 [1990].

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009 [1988].

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2008 [1988].

_____. Ideologia — Aprisionamento ou campo paradoxal? *In: PÊCHEUX, M. Análise de Discurso*: Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012 [2011].